

Charles Dickens

Um Conto
de
Natal

Tradução
Silvio Antunha



Principis



Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
A Christmas Carol

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Texto
Charles Dickens

Imagens
Paper Wings/Shutterstock.com;
Martial Red/Shutterstock.com;
Magi Bagi/Shutterstock.com

Tradução
Silvio Antunha

Diagramação e revisão
Casa de Ideias

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

D548c	Dickens, Charles
	Um conto de natal / Charles Dickens ; traduzido por Silvio Antunha. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2019. 96 p. : il. ; 16cm x 23cm.
	ISBN: 978-85-943-1877-0
	1. Literatura infantojuvenil. 2. Contos. I. Antunha, Silvio. II. Título.
2019-1354	CDD 028.5 CDU 82-93

Elaborado por Odílio Hilário Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª Edição em 2019

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Sumário

PREFÁCIO	5
CAPÍTULO I – O fantasma de Marley	7
CAPÍTULO II – O primeiro dos três espíritos	28
CAPÍTULO III – O segundo dos três espíritos.....	47
CAPÍTULO IV – O último dos espíritos	72
CAPÍTULO V – O fim disso	89

Prefácio

Neste pequeno livro fantasmagórico, eu me esforcei para dar uma ideia dos fantasmas, mas não para deixar os meus leitores abalados consigo mesmos, nem com os outros, com a estação do ano, ou comigo. Que eles possam assombrar a casa de vocês de forma agradável e que ninguém queira se livrar deles.

Do amigo fiel e servo de todos vocês,

Charles Dickens, dezembro de 1843.



CAPÍTULO I

O fantasma de Marley

Para começo de conversa, Marley estava morto. Não havia dúvidas quanto a isso. Sua certidão de óbito foi assinada pelo pastor, pelo escrivão do cartório, pelo agente funerário e pelo cozeiro. Scrooge – o sovina – também assinou, e olha que na Bolsa de Valores o nome de Scrooge era muito bem aceito em qualquer papel que ele assinasse. O velho Marley estava tão morto quanto a maçaneta de uma porta.

Calma! Isso não quer dizer que eu saiba, por experiência própria, o que poderia haver de particularmente morto na maçaneta de uma porta. Talvez fosse mais adequado considerar a alça do caixão a peça de metal mais funesta do comércio. Mas a sabedoria dos nossos antepassados está em fazer analogias desse tipo e as minhas mãos profanas não devem mudar isso, ou o país estará perdido. Assim, vocês me permitam que eu repita, enfaticamente, que Marley estava tão morto quanto a maçaneta de uma porta.

Mas será que Scrooge sabia que ele estava morto? Claro que sabia. Como poderia ser diferente? Scrooge e ele foram sócios por não sei quantos anos. Scrooge era seu único executor testamentário, o único administrador de seus bens, seu único representante legal, seu herdeiro universal, seu único amigo. Além disso, foi a única pessoa que vestiu luto por ele. E, ainda assim, nem o próprio Scrooge ficou tão imensamente arrasado por causa do triste acontecimento, tanto que, como bom negociante que era, no dia do funeral aproveitou solenemente o fato para fazer o enterro por uma irrecusável pechincha.

A menção ao funeral de Marley me leva de volta ao ponto de partida. Não restam dúvidas de que Marley estava morto. Isso precisa ser entendido claramente, ou nada de espantoso poderia acontecer na história que eu vou contar. Se não estivéssemos perfeitamente convencidos da morte do pai de Hamlet antes da peça de teatro começar, não haveria nada de mais em ele dar um passeio à noite, em meio ao vento que soprava do leste, em suas próprias muralhas, como qualquer outro cavalheiro de meia-idade despreocupado, que de repente saísse para tomar um pouco de ar fresco – digamos, no cemitério de Saint Paul, por exemplo – depois de escurecer, só para, literalmente, surpreender a mente fraca de seu filho.

Scrooge nunca apagou o nome do velho Marley gravado na placa acima da porta do estabelecimento comercial deles. Anos depois, lá estava: *Scrooge & Marley*. Considerando que a firma ficou conhecida como Scrooge & Marley, às vezes, os clientes novos chamavam Scrooge de Scrooge e, às vezes, de Marley. Mas ele respondia aos dois nomes, pois, para ele, era tudo a mesma coisa.

Pois bem! Mas Scrooge era tremendamente sovina e mão-fechada. Ele era um velho pecador que adorava cobiçar, cercar, acuar, agarrar, apertar e extorquir. Duro e insensível como uma pedra de amolar, de onde nem o aço consegue tirar a menor faísca, discreto, independente e solitário como uma ostra. A frieza dentro dele congelava suas feições envelhecidas, empinava seu nariz pontudo, enrugava suas bochechas, enrijecia seus passos, tornava seus olhos vermelhos, deixava azulados seus lábios finos e se manifestava externamente pelo tom de voz irritante do seu jeito astuto de falar. Um ar gelado cobria-lhe permanentemente a testa, as sobrancelhas e envolvia seu queixo duro. Ele carregava sempre e por toda parte sua própria frieza. Ele resfriava seu escritório nos dias de calor e não o esquentava um grau nem no dia do Natal.

O calor e o frio externos tinham pouca influência sobre Scrooge. O calor do verão não o aquecia e o frio de inverno não o esfriava. Nenhuma rajada de vento soprava mais inclemente do que ele. Nunca uma avalanche despencou mais diretamente sobre o que encontrasse pela frente e não havia chuva intensa mais desagradável. Não havia tempo ruim que pudesse superá-lo. A chuva mais pesada, a neve, a geada e

o granizo podiam se gabar de terem vantagem sobre ele em um único aspecto: muitas vezes, caíam “generosamente”. Entretanto, Scrooge não conhecia o significado da palavra “generosidade” e jamais se comportava dessa maneira.

Ninguém o parava na rua para cumprimentá-lo, com olhar alegre: “Meu caro Scrooge, como vai você? Quando vai nos visitar?”. Nenhum mendigo lhe pedia esmolas, nenhuma criança perguntava as horas a ele, nenhum homem ou nenhuma mulher alguma vez em toda a vida lhe perguntaram o caminho para esse ou aquele lugar. Até os cães-guia dos cegos pareciam conhecer e evitar Scrooge. Quando o viam chegando, puxavam seus donos para os becos e as portas de entrada recuadas, e então abanavam os rabos como se dissessem: “É melhor não enxergar do que ter o mau-olhado de um mestre das trevas!”.

Scrooge, porém, não se importava com essas coisas, pois era exatamente disso que ele gostava. Seguir solitário por caminhos cheios de vida, avisando a toda simpatia humana para se manter a distância, era o que Scrooge e especialistas chamavam de “dar a mínima”.

Certo dia – na véspera de Natal, o melhor de todos os dias do ano –, o velho Scrooge estava sentado, fazendo a contabilidade em seu escritório. Fazia um frio intenso e cortante. O tempo estava nublado e sombrio. Ele escutava as pessoas indo e vindo de um lado para o outro no beco do lado de fora, assoprando os dedos, esfregando as mãos no peito e batendo os pés nas pedras do calçamento para se aquecerem. Os relógios da cidade tinham acabado de badalar três horas, mas já estava anoitecendo – o dia todo havia sido escuro – e velas eram acesas nas janelas dos escritórios vizinhos, como manchas avermelhadas no ar escurecido e quase palpável desse entardecer. O nevoeiro entrava por todas as frestas e buracos das fechaduras. Era tão denso lá fora que, embora a viela fosse muito estreita, as casas do lado oposto pareciam meros fantasmas. Ao ver essa nuvem encardida baixar, escondendo tudo, alguém poderia achar que a natureza estava passando mal e que uma tempestade em larga escala estava se formando.

A porta da sala do escritório onde Scrooge fazia a contabilidade estava aberta para que ele pudesse ficar de olho em seu empregado, que copiava cartas em uma pequena e tristonha saleta, um cubículo mais

parecido com uma cacimba, quase uma alcova. Scrooge mantinha aceso o fogo bem fraco em seu aquecedor, mas o braseiro do empregado era tão minguaado que parecia ter apenas a brasa de um carvão, pois ele não conseguia reabastecê-lo. Scrooge guardava o balde de carvão em sua própria sala e cada vez que o empregado entrava com a pá, o patrão ameaçava demiti-lo. Assim, o empregado se enrolava no cachecol branco e tentava se esquentar no calor da chama da vela. Mas, como se pode imaginar, esse esforço era em vão.

– Feliz Natal! Deus o abençoe, tio! – uma voz alegre exclamou.

Era o sobrinho de Scrooge, que entrou tão rapidamente que esse foi o primeiro sinal que ele teve de sua chegada.

– Bolas! – Scrooge rosou. – Bobagem!

O sobrinho de Scrooge estava tão aquecido pela rápida caminhada em meio ao nevoeiro e à geada, que seu rosto corado e bonito brilhava, seus olhos faiscavam e sua respiração ainda soltava fumaça de vapor.

– O Natal é bobagem? – o sobrinho de Scrooge estranhou. – Tem certeza de que está dizendo isso?

– Tenho! – Scrooge prosseguiu. – Feliz Natal... Que direito você tem de ser feliz? Que motivo você tem para ser feliz? Você não passa de um pobretão.

– Muito bem! – o sobrinho retrucou alegre, sem se abalar. – Que direito o senhor tem de ser triste? Que razão tem para ser rabugento? O senhor é muitíssimo rico.

Sem ter melhor resposta pronta para retrucar ao impulso do momento, Scrooge repetiu “bah”, seguido de “bobagem”.

– Não fique zangado, tio! – o sobrinho emendou.

– Como eu não poderia ficar, quando vivo num mundo de tolos como você? – revidou o tio. – “Feliz Natal!”! Fora com essa história de “Feliz Natal!”! O que é a época do Natal para você, senão a hora de fazer despesas sem ter dinheiro para pagar as suas contas? É tempo de perceber que você ficou um ano mais velho e nem um segundo mais rico! É o momento de fazer o balanço das suas contas e ver que todos os itens referentes aos últimos 12 meses aparecem negativos e contra você. Ah! Se eu pudesse fazer o meu testamento... – Scrooge

Um conto de Natal

argumentou, indignado. – Todo idiota que brinca com “Feliz Natal” nos lábios deveria ser fervido na calda do seu próprio pudim e enterrado com uma estaca de pinheirinho cravada no coração. Deveria mesmo!

– Tio! – o sobrinho exclamou, indignado.

– Sobrinho! – o tio respondeu com firmeza – Comemore o Natal do seu jeito e deixe-me comemorá-lo do meu.

– Comemorar do seu jeito... – o sobrinho de Scrooge repetiu. – Mas o senhor não o comemora de jeito nenhum!

– Então, deixe-me não comemorar isso. – Scrooge replicou. – Essa história deve mesmo fazer muito bem a você, sempre lhe faz muito bem...

– Eu me atrevo a dizer que existem muitas coisas que poderiam me fazer muito bem e que não tenho aproveitado totalmente, inclusive o Natal – retrucou o sobrinho. – Mas quando chega o Natal, além da devoção sagrada devido ao seu nome e sua origem – se é que alguma coisa relacionada a esse evento pode ser algo além disso – tenho certeza de que sempre penso nessa época como um bom momento, como um tempo agradável, de amor, perdão e caridade, talvez o único dia, pelo que sei, no longo calendário do ano, em que homens e mulheres parecem, por consenso, abrir livremente os seus corações fechados e pensar nas pessoas inferiorizadas como se fossem legítimos companheiros de viagem rumo ao túmulo e não como uma raça de outras criaturas com destinos diferentes. Por isso, meu tio, embora essa comemoração nunca tenha colocado nenhuma moeda de ouro ou prata em meu bolso, creio que *tem feito* bem a mim e que sempre me *fará* bem. E, posso acrescentar, graças a Deus!

O empregado que estava na saleta aplaudiu involuntariamente. Imediatamente, percebendo sua inconveniência, ele cutucou o fogo e apagou definitivamente a última brasa.

– Se eu escutar outro som vindo daí – Scrooge advertiu-o –, *você* vai passar o Natal no olho da rua! Já você é um orador muito eloquente, meu caro – ele acrescentou, voltando-se para o sobrinho. – Eu me pergunto por que não está no Parlamento.

– Não fique com raiva, meu tio. Venha cear conosco amanhã.

Scrooge disse que iria.

– Irei, sim. Mas antes, gostaria de vê-lo no inferno... – ele emendou.

– Mas por quê? – o sobrinho de Scrooge indagou. – Por quê?

– Por que você se casou? – Scrooge disse.

– Porque eu me apaixonei.

– Porque você se apaixonou! – Scrooge rosnou, como se essa fosse a única coisa no mundo mais ridícula do que desejar Feliz Natal para alguém. – Boa tarde e até logo!

– Não, tio! Você nunca me visitou antes do meu casamento. Por que usar isso agora como pretexto para não ir?

– Boa tarde e até logo! – Scrooge repetiu.

– Eu não quero nada de você, não lhe peço nada. Por que não podemos ser amigos?

– Boa tarde e até logo! – Scrooge teimou.

– Sinto muito, de todo o meu coração, por encontrá-lo tão irredutível. Nunca tivemos motivo para brigar, pelo menos não da minha parte. Mas insisto em comemorar o Natal e vou manter o meu bom humor natalino até o fim. Então, um Feliz Natal, tio!

– Boa tarde! – Scrooge disse.

– E um Feliz Ano-Novo!

– Até logo! – Scrooge disse, encerrando a conversa.

O sobrinho se retirou da sala sem pronunciar uma palavra de mágoa, apesar de tudo. Ele parou na porta da saleta para externar as saudações dessa época do ano ao empregado, que, por mais frio que estivesse, ainda assim foi mais caloroso do que Scrooge, pois as retribuiu cordialmente.

– Esse é outro que não tem a menor noção de nada... – Scrooge murmurou, ao ouvi-lo. – Assim não é possível! Um sujeito, que ganha 15 xelins por semana, com esposa e família para sustentar, falando de um Natal feliz! Desse jeito, ele vai acabar parando no hospício.

O citado lunático, ao acompanhar o sobrinho de Scrooge até a saída, permitiu que outras duas pessoas entrassem. Eram cavalheiros corpulentos, de boa aparência, que tiraram o chapéu na sala do escritório de Scrooge. Traziam livros de registros e papéis nas mãos e se inclinaram diante dele.

– Scrooge e Marley, creio eu... – disse um dos senhores, consultando uma lista. – Tenho o prazer de falar com o Sr. Scrooge ou com o Sr. Marley?

– O Sr. Marley faleceu há sete anos – respondeu Scrooge. – Faz sete anos que ele morreu, nessa mesma noite.

– Não temos dúvidas de que a generosidade dele esteja bem representada por seu parceiro sobrevivente – disse o cavalheiro, apresentando seu cartão de visitas.

Certamente estaria, porque ambos eram como unha e carne. Ao escutar a sinistra palavra “generosidade”, Scrooge franziu a testa e balançou a cabeça, devolvendo-lhe o cartão.

– Nessa época festiva do ano, Sr. Scrooge – disse o cavalheiro, pegando uma caneta – é mais do que desejável que façamos uma pequena contribuição para ajudar os pobres e destituídos, que sofrem muito nesse momento. Muitos milhares deles necessitam de itens comuns, centenas de milhares carecem de coisas básicas, senhor.

– Ora! Não existem mais as cadeias? – Scrooge perguntou.

– Sim, existem muitas cadeias... – respondeu o cavalheiro, guardando a caneta.

– E os reformatórios? – Scrooge insistiu. – Ainda funcionam?

– Funcionam sim, embora eu preferisse dizer o contrário – o cavalheiro retrucou.

– As leis contra a vadiagem e a mendicância ainda estão valendo, certo? – Scrooge prosseguiu.

– Com certeza! Ambas estão em plena vigência, senhor.

– Puxa! Que susto... Pelo jeito como o senhor falou no início, achei que algo tivesse acontecido para prejudicar as atividades dessas instituições tão úteis – disse Scrooge. – Estou muito feliz em ouvir isso.

– Temos a impressão de que elas dificilmente fornecem suporte cristão para o corpo ou a mente dos necessitados – replicou o cavalheiro. – Então, alguns de nós estamos tentando levantar fundos para comprar comida e bebida aos pobres, além de meios para que se aqueçam. Escolhemos essa ocasião, porque é a época do ano em que a

necessidade se torna mais premente e a abundância se manifesta com maior intensidade. Com quanto vai colaborar?

– Com nada! – Scrooge exclamou.

– Prefere manter o anonimato?

– Prefiro ficar sozinho... – Scrooge afirmou. – Já que perguntaram o que prefiro, senhores, essa é a minha única resposta. Não me alegro com o Natal e não posso me dar ao luxo de ajudar pessoas ociosas. Apoio os estabelecimentos que mencionei, que custam muito caro. Então, essa gente que não está bem deve ir para lá.

– Muitos simplesmente não podem ir e outros tantos preferem morrer.

– Se eles preferem morrer – Scrooge retrucou –, é melhor que o façam, assim a população em excesso vai diminuir. Além disso, com licença, eu não tenho nada a ver com isso.

– Mas deveria... – observou o cavalheiro.

– Isso não é da minha conta – Scrooge replicou. – Entender do seu próprio negócio e não interferir na vida de outras pessoas deveria ser mais do que uma obrigação para qualquer pessoa. Estou muito ocupado, cavalheiros. Boa tarde!

Vendo claramente que seria inútil insistir nesse ponto, os cavalheiros se retiraram. Scrooge retomou seus afazeres com uma opinião melhor a respeito de si próprio e mais disposto do que de costume.

Enquanto isso, o nevoeiro e a escuridão haviam se tornado tão densos que surgiram algumas pessoas com tochas acesas, oferecendo o serviço de seguir na frente dos cavalos das carruagens, guiando-os pelas ruas. A antiga torre de uma igreja, cujo velho sino estridente parecia estar sempre espreitando Scrooge por uma janela gótica em suas paredes, ficou invisível e batia os intervalos de 15 minutos, de meia hora e também as horas, no meio das nuvens, reverberando trêmulas vibrações, como se dentes tremessem dentro de sua cabeça congelada lá no alto. O frio se tornou intenso. Na rua principal, perto da esquina com a vieira, alguns operários que consertavam encanamentos de gás acenderam uma grande fogueira, ao redor da qual um grupo de homens e meninos esfarrapados se reuniu, aquecendo as mãos e piscando os olhos de

contentamento diante das chamas. Na fonte pública, a água que escorria da bica abandonada congelou, transformando-se num melancólico pingente de gelo. O brilho das vitrines das lojas, onde os ramos dos pinheirinhos das árvores de natal enfeitados com frutas resplandeciam o calor das lâmpadas, deixava corados os rostos empalidecidos das pessoas que passavam. Os açougues e as mercearias estavam esplêndidos e apresentavam um espetáculo tão glorioso, que era quase impossível acreditar que os princípios banais da barganha de compra e venda tivessem algo a ver com esses estabelecimentos comerciais. O lorde prefeito, na imponente fortaleza que era sua residência oficial, dava ordens a seus cinquenta cozinheiros e mordomos para que houvesse uma celebração do Natal digna da mansão de um lorde prefeito. Até o pequeno alfaiate, que havia sido multado em cinco xelins na segunda-feira anterior, por andar bêbado fazendo a maior baderna pelas ruas, preparava a sobremesa do dia seguinte em seu sótão, enquanto sua magra esposa, com o bebê desnutrido no colo, saía para comprar carne.

Enquanto isso, o neveiro ficava cada vez mais forte e o tempo ainda mais frio. Fazia um frio cortante, de rachar. Se o bom São Dunstano tivesse fustigado o nariz do espírito maligno com apenas uma pitada de um clima desses, em vez de usar suas armas normais, com certeza o demônio teria esbravejado para valer!

Um jovem – dono de um nariz muito pequeno – esquelético e devastado pela voracidade da fome e do frio, como um osso roído por cachorro, abaixou-se para olhar pelo buraco da fechadura de Scrooge e brindá-lo com uma canção de Natal. Mas ao ouvir o primeiro verso, “Que Deus o abençoe, cavalheiro feliz, que nada jamais possa desanimá-lo!”, Scrooge agarrou a régua com tamanha determinação, que o cantor fugiu apavorado, deixando o neveiro e a geada ainda mais à vontade para entrarem pela fechadura do sovina.

Por fim, havia chegado a hora de fechar o estabelecimento. Com um ar aborrecido, Scrooge levantou-se de sua banquetta, tacitamente sinalizando o fato ao empregado que estava no cubículo, o qual instantaneamente apagou a vela e colocou o chapéu.

– Devo presumir que você queira folgar o dia todo amanhã?
– Scrooge indagou.